

A NEXO 7

*Prof. Pompeu de Souza*

U N B

AULA INAUGURAL DO CURSO DE EXTENSÃO  
NO DIA 21 DE ABRIL DE 1963.

DISCURSOS PROFERIDOS PELOS EXMOS. SRS.  
JOÃO GOULART - PRESIDENTE DA REPÚBLICA  
E PROF. DARCY RIBEIRO - MAGNÍFICO REITOR  
DA UNIVERSIDADE DE BRÁSILIA

AULA INAUGURAL, PROFERIDA PELO PRESIDENTE JOÃO GOULART, NA ABERTURA DOS CURSOS DE EXTENSÃO CULTURAL DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, EM 21-4-63.

A satisfação que experimento em atender ao convite da Universidade de Brasília para inaugurar, êste ano, seus cursos de Extensão Cultural reforça-se pela oportunidade na formulação de alguns conceitos que as responsabilidades do Govêrno me dizem inadiáveis e que encontram nesta Casa e nesta solenidade o seu local e sua hora precisamente adequados. Tudo quanto vos quero dizer, e, mais do que a vós - professôres e estudantes da jovem Universidade de Brasília - tudo o que quero dizer, daqui, aos professôres e estudantes de tôdas as Universidades do Brasil, decorre da consciência de que, nesta hora do mundo que vive o nosso país, a democratização da cultura, mais do que um postulado de justiça social, constitui um imperativo de sobrevivência nacional.

Cumprê e urge que a evidência desta realidade, tornada cada dia mais aguda pelas etapas da crise que estamos vivendo, se faça cada vez mais geral ao espírito e à ação dos que têm no cultivo da própria e alheias inteligências a sua profissão. Porque, na verdade, esta é a grande e permanente missão do intelectual, mas sobretudo neste país e nesta hora. A hora, sabemos todos, é a da necessidade maciça de quadros humanos cada vez mais altamente qualificados por um nível da capacitação cultural e técnica cuja elevação se desenvolve num ritmo paralelo à velocidade de transformação imposta ao mundo pela revolução tecnológica a que estamos assistindo. Este fenômeno dos nossos dias, que, de fato, estamos apenas assistindo, de fora e de longe, entre maravilhados e perplexos, coloca-nos, como Nação - custa-nos mas cumprê-nos dizê-lo, como primeiro passo para uma tomada de consciência e uma reação dos brios nacionais - esta situação coloca-nos, como Nação, numa atitude e numa distância que, em substância, não se distingue muito daquela posição de deslumbramento e susto do nosso indígena diante da primeira arma de fogo do colonizador europeu na hora inicial da Descoberta.

Choca-nos, decerto, o confronto humilhante, que, contudo, não nos humilha, quando consideramos que êste mesmo povo nosso, tão desaparelhado para a implacável competição dos nossos dias, conseguiu, entretanto, com tão precárias ferramentas culturais, alcançar, como Nação, um índice de crescimento do produto nacional bruto quase sem paralelo. Êste feito, tanto mais notável quanto mais proporcionado com nosso equipamento intelectual, científico e técnico, é que nos dá fôrça, autoridade e valor para enfrentar a terrível realidade do nosso despreparo para as tarefas da emancipação e, mais

do que da emancipação, da própria sobrevivência nacional, que nos aguardam; e, a rigor, não mais nos aguardam, porém nos aguilhão e urgem. Porque, se nos devemos orgulhar desta capacidade de superação das próprias deficiências no terreno da produção material, maior razão de orgulho nacional talvez exista no progresso moral que nos elevou do ufanismo platônico e contemplativo para a maturidade que hoje nos faz encarar face-a-face as próprias mazelas, com ânimo e coragem de enfrentá-las e vencê-las.

A maior de tôdas estas mazelas, decerto, a mais mortal às nossas legítimas ambições de nação soberana, é a que reside nas distorções, de tôda ordem, do nosso sistema e aparelhamento educacionais. Dela nascem ou se perpetuam as demais. Suas causas são muitas, e fundas, e antigas - e, aqui, não caberia um balanço completo delas, de resto já bastante recenseadas pelas novas e lúcidas gerações de intelectuais brasileiros, que têm nesta Universidade alguns de seus valores mais nítidos e atuantes. O que, aqui, nos cabe dizer, hoje, a todos os brasileiros, é que suas conseqüências são, nesta altura, de tal natureza e gravidade que, se nos conformássemos com sua subsistência, estaríamos a conformar-nos com a própria insubsistência nacional.

De fato, a transformação imposta à estrutura econômica das nações pela revolução tecnológica de nossos dias é, pelo menos, tão profunda e irrevogável, e seguramente muito mais fulminante em seu ritmo, do que a determinada, há dois séculos, pela revolução industrial. E, ao considerarmos que a revolução tecnológica nos colhe, historicamente, quando ensaiamos ainda os primeiros passos vacilantes no rumo da bi-centenária revolução industrial - então nos aperceberemos do quanto teremos de fazer na quase sobrehumana tarefa de superação de deficiências e atrasos sem conta no tempo. Temos de fazer muito mais que tôdas as nações verdadeiramente emancipadas pelo desenvolvimento, e fazê-lo em tempo infinitamente mais curto.

O pior é que, para tão grande esforço, tão poucos somos. Pouquíssimos, na verdade, somos os que têm condição, em nosso país, para esta tarefa principal e urgentíssima. Pois se, das 1.000 crianças que, em 1947, ingressaram nas escolas primárias do país, 178 concluíram o curso, em 1950; e destas, 96 entraram nos cursos médios, completando o ciclo ginásial, em 1954, 51 jovens, dos quais 31 diplomaram-se no curso colegial, atingindo a Universidade, em 1958, 17 dos mil que haviam, em 1947, iniciado a escalada; se tão baixos são os nossos índices de escolaridade, em todos os graus de ensino índices dos mais baixos em todo o mundo - então o potencial humano com que

temos, presentemente, de contar para a tarefa maior de nossa geração, neste país de 70 milhões de habitantes, ~~é~~ como se fôssemos uma pequena nação de apenas 5 ou 10 milhões de habitantes, quando muito. Tal desproporção é, hoje, a nossa vergonha e o nosso desafio. Amanhã, há de ser o nosso orgulho, se a vencermos, e, tenhamos fé, havemos de vencê-la.

Para nossa sobrevivência como nação, esta vitória é tão necessária como a própria vida. Assim como, em países que hajam ultrapassado a condição de simples e esmagados produtores de matérias-primas, a sobrevivência do indivíduo que não superou a barreira do analfabetismo se torna cada dia mais difícil, senão impossível; num mundo em plena era da revolução tecnológica, a sobrevivência das nações que não dominam o alfabeto da ciência, da técnica, da cultura enfim, dos nossos dias - faz-se, cada hora, mais inviável, fora de condições de marginalidade e dependência incompatíveis com os nossos brios de povo viril.

Para uma verdadeira cruzada de salvação nacional é que vos convoco, portanto, nesta hora, privilegiados trabalhadores da inteligência, pois que sois detentores de um privilégio que vos coloca em débito com a Nação: o honroso privilégio de ser aqueles 17 entre mil, beneficiários finais do esforço educacional de 70 milhões de brasileiros. Claro que a Nação não vos culpa - ou, antes, não nos culpa - e só louva por isto; mas exige de nós que estejamos, que nos ponhamos à altura das responsabilidades decorrentes deste enorme privilégio que nos concedeu.

É, assim, a própria Nação que vos convoca, em termos de mobilização, a todos os que têm a responsabilidade de ensinar, para que, desde já, com um sentimento de urgência sem pausa, lhe dêem a revolução educacional de que carece como pré-requisito da revolução industrial e da revolução tecnológica que terá de enfrentar e vencer simultaneamente. Assim como não se pode realizar nenhuma revolução industrial sem a fabricação de fábricas que fabriquem fábricas, nem qualquer revolução tecnológica sem a pesquisa científica geradora de todas as técnicas e todos os técnicos - assim nem se pode pensar numa revolução educacional, como a de que carecemos, sem o concurso, a participação direta e fundamental da Universidade, onde estão os mestres criadores de mestres, onde devem estar os cientistas e tecnólogos criadores de ciência e de técnicas.

Para tanto, precisamos partir, e já, para uma revolução universitária, para uma auto-revolução universitária, pois sômen

te a Universidade tem poder e força para reformar a Universidade. Esta reforma, necessária e urgentíssima, consiste numa dupla integração: integrar a Universidade em si mesma, para que possa funcionar como um corpo dotado de criatividade intelectual, científica e técnica; e integrá-la no organismo humano, social, econômico da Nação, para que sinta e participe das inquietações e esperanças, dos problemas e soluções nacionais. Urge, pois, que a Universidade deixe de ser um jardim fechado de Academus e se converta no campus aberto a tôdas as indagações, ânsias e pesquisas do espírito humano e brasileiro. A instituição que, ao nascer, cumpriu o seu papel de repositório da herança cultural da humanidade, fechando-se sobre si mesma, como um cofre que protegesse aquela herança confinando-a de condições sociais ambientes adversas, senão mortais - somente cumprirá, nos tempos de hoje, sua missão e destino se, ao contrário, se abrir, largamente, para os novos tempos sequiosos de seu saber, para a obra inadiável da democratização da cultura.

Claro, meus amigos da Universidade de Brasília, que não vos estou dizendo nenhuma novidade. Ainda mais a vós, que vos quereis campeões dessa dupla integração da Universidade, em si mesma e no Brasil. Ainda mais aos que comandam vossa Extensão Cultural, e que, ainda no primeiro ano de funcionamento que poderemos chamar pré-natal de vossa Universidade, deram a Brasília êste esplêndido movimento de divulgação universitária extra-curricular que trouxe, instantaneamente, para dentro de vosso campus em implantação, mil e quinhentos cidadãos da capital nascente.

Quis, porém, dizer estas cousas, menos a vós do que a todos. Para que soubésseis, hoje, que a vossa preocupação de sempre é, agora, preocupação maior do Governo de vosso país. Quiz dizê-las nesta Casa e nesta hora, por achar também que nenhum local e nenhuma solenidade seriam mais adequados para proclamar a abertura oficial da Semana da Educação, com que o Governo assinala, no calendário, e quer assinalar, ainda mais, na consciência nacional, a grande tarefa do Ano da Educação: a conquista para o Brasil da imensa legião dos nossos párias da educação. Em 1900, tínhamos 6.800.000 analfabetos adultos; hoje, temos cêrca de 20 milhões. As explicações para o fato podem ser muitas. A justificação, porém, é nenhuma. Nada justifica, nada perdôa, com efeito, esta falta, esta culpa, êste crime contra a Nação. Não nos desculpará falar do "crescimento demográfico explosivo" de nosso país; dizer que, embora crescendo, a rêde escolar não pôde acompanhar o crescimento da população. A verdade é que não nos pusemos à altura do destino da Nação brasileira. Porque uma nação com índices de escolaridade tão baixos como os nossos não estará, ja

mais, aparelhada para atender ao desafio da hora presente.

O mundo vive a hora decisiva dos destinos dos povos. Só serão verdadeiramente livres e soberanas as nações capazes de criar e multiplicar as suas próprias riquezas com os seus próprios recursos humanos. E só terão recursos humanos para criação e multiplicação de riquezas no ritmo, na extensão e profundidade reclamados pela estrutura econômica dos nossos dias - os povos senhores do conhecimento e domínio de técnicas incompatíveis com o grau de atraso cultural que números como aqueles revelam. Temos um povo bem dotado como poucos, para o aprendizado de toda ordem, capaz de uma rapidez de assimilação que se patenteia na alta qualidade do nosso operariado industrial, na improvisação com que se criaram os quadros qualificados em que repousa hoje a vida fabril da Nação, de exigências tão múltiplas e complexas. Mas o fato é que, com os recursos educacionais com que contamos até aqui, atingimos ao máximo de disponibilidades humanas para a obra do desenvolvimento nacional. E a verdade - sabemos-lo todos - é que este máximo corresponde apenas a um ponto de partida. O que cumpre fazer, daqui por diante, exige de nós que a exceção desses quadros qualificados se transforme numa regra geral para toda a Nação, na cidade e no campo, em todas as enormes longitudes do território pátrio.

Para tanto, só nos resta um caminho: apagar das nossas estatísticas a vergonha nacional daqueles números; criando, em todo o país, um movimento de tomada de consciência que desperte, em cada cidadão brasileiro culturalmente válido, um sentido de obrigação inadiável na erradicação da invalidez do analfabetismo. Esta, a grande obra de integração nacional a que estamos urgentemente obrigados.

Por isto, professores e alunos da Universidade de Brasília, quiz abrir nesta Casa e nesta hora a Semana de Educação. Para, daqui, da vossa Universidade, da nossa Cidade, vos dizer, e a todo o país, estas cousas que precisam ser ditas e sobretudo ouvidas. Porque Brasília, sendo fonte e força revolucionária da integração geográfica, histórica e econômica deste país continental, só terá cumprido todo o seu destino quando, através dela, se houver também integrado a Universidade na Nação e a Nação na Universidade.

Essa tem sido, com efeito, a obra maior dessa Universidade tão nova e tão fecunda, entretanto: a obra da integração nacional através da cultura. Lembremo-nos de que foi aqui mesmo, nesse mesmo auditório cujo nome tão bem reflete o próprio espírito da Instituição, foi nesse mesmo Auditório "Dois Candangos", neste mesmo

21 de abril histórico para o Brasil e para Brasília, e há um ano apenas, que se realizou a aula inaugural da Universidade de Brasília. Daí para cá, quanta coisa fizestes em tão pouco tempo! Funcionando em regime provisório - pois somente para 1964 estava previsto o vosso funcionamento - oferecestes, desde logo, à nascente capital e à sua juventude, oportunidade de estudo para oito carreiras profissionais de nível universitário. Mas, acima de tudo, mesmo nesta fase de implantação, iniciastes, através do regime de cursos-troncos — embriões de vossos futuros Institutos Centrais de Ciências, de Letras e de Artes — a prática do que será, do que já é a substância da revolução universitária, da revolução educacional a que aspirais e aspiramos todos nós: a da vida e do ensino integrados, em que a lealdade para com os padrões universais da cultura se case à lealdade para com as soluções nacionais dos problemas brasileiros.

Não admira, pois, que, já no primeiro ano deste funcionamento provisório, mais de mil fôssem os candidatos aos vossos cursos regulares, e mil e quinhentos, aos cursos de Extensão Cultural. Nem admira que, ainda agora, no início do vosso segundo ano de atividade preliminar, suba a mais de uma centena o número de jovens vindos dos mais variados recantos do país exclusivamente para estudar na Universidade nascente de uma cidade que apenas completa três anos e que nem condições ainda possui para alojá-los. Nem que sejam vários, já, os bolsistas trazidos de outros países e outros continentes, atraídos por vosso renome, tão precoce quanto mercedamente alcançado.

Nada disso nos pode surpreender, porque sabemos, e sentimos, que aqui se funda, mais do que uma Universidade nova, um novo espírito universitário, nessas vossas aulas dadas lado-a-lado com os pedreiros que constroem êsses vossos prédios, de uma beleza tão singela e serena, e com os carpinteiros que talham, juntas, as cátedras dos vossos mestres e as carteiras dos vossos estudantes. De uma obra nascida assim - herdeira do patrimônio cultural da humanidade, mas tôda voltada para a inconformidade, a pesquisa e a construção do amanhã de nossa pátria e nossa gente - é direito e dever nossos tudo esperar. E tudo esperamos.

Por isso, escolhi esta vossa Casa do mundo e do Brasil para convocar os homens que ensinam e os que aprendem - estudantes todos, de tôdas as idades e de todo o país - para êste encontro da cultura universal com o espírito brasileiro; para esta integração indispensável e inadiável da nação brasileira com o seu destino, que somente a verdadeira Universidade pode realizar; para esta reforma,



enfim, tão básica e urgente quanto tôdas as outras que o atual Govêrno da República esforça-se por promover e realizar: a reforma universitária. Reforma, esta, entretanto, que transcende os poderes do Govêrno, de qualquer govêrno, pois só depende dos poderes da inteligência a serviço da cultura e da Nação, e ~~que são~~, que devem ser os poderes da própria Universidade. Dessa reforma, a rigor, depende o êxito ou malogro de tôdas as demais. Este é o desafio da História à nossa geração. Não podemos desertá-lo, senão enfrentá-lo e vencê-lo.

/asp.